

O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 5 - Nº 18

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

JUL a DEZ 95



VISITE A "EXPOSIÇÃO
RETROSPECTIVA PÓSTUMA
DE CALMON BARRETO"

AV. VEREADOR JOÃO SENA, 83
De 9 h às 18 h até 26/12/95

Araxá constituiu-se em um exemplo clássico de assentamento humano nascido em torno de uma capela, conforme o modelo urbano padrão no Brasil. Erguida sob a devoção de São Domingos e dotada de um patrimônio (exigência da lei eclesiástica), nos seus terrenos adjacentes deu-se a aglomeração de moradias e casas de negócios. Entre essas está o sobrado que hoje abriga o Museu Dona Beja. Leia na página 5 a história da praça, a do sobrado e a do Museu que esse ano completou 30 anos.



1- Fachada do Museu Dona Beja. 1993. Fotografia de José Joaquim de Oliveira (Zé fotógrafo). Arquivo SPH/FCCB.

2- Antiga praça da matriz (hoje, Coronel Adolpho), onde vêem algumas residências. Ao fundo, o sobrado que abrigaria o Museu Dona Beja. Década de 1920. Fotografia de Octávio Fonseca. Doação de Dalva Salerno da Rocha. Arquivo SPH/FCCB.

**QUEM
FOI
QUEM**

**OS
EX-COMBATENTES
DE ARAXÁ NA
2ª GUERRA MUNDIAL**

Da sofrida população italiana os brasileiros conquistaram a simpatia. Dos norte-americanos a piedade pelo despreparo para a guerra e o aprimoramento da capacidade ofensiva de combate. Com os ingleses beberam vinho nos momentos de paz e com os alemães estiveram frente a frente na luta ou nos quartos de hospitais. Conheça na página 3 o dia-a-dia dos araxaenses que atuaram na 2ª Guerra Mundial.

Editorial

Nos primeiros tempos da ocupação de São Domingos do Araxá, a travessia até as fontes de águas minerais - eixo da economia pecuária - se dava a partir, e principalmente, do Alto de Santa Rita, transpondo a praça da antiga matriz, lugar onde hoje está o Museu Dona Beja. Por isso, nesse momento, quando comemoramos os 30 anos dessa instituição, fazemos um levantamento histórico do prédio desde a sua antiga construção até a sua função atual de preservação e de divulgação da nossa cultura material.

O Trem da História busca divulgar temas sempre contextualizados e como tem ocorrido em todo o país durante esse ano de comemoração do cinquentenário do fim da 2ª Guerra Mundial, a história dos ex-combatentes de Araxá é também relatada. Procurou-se destacar não as ações militares, mas o dia-a-dia da guerra com os dissabores, as curiosidades e a questão do papel desempenhado pelos homens comuns que se tornaram heróis.

Algumas imagens históricas apresentadas nessa edição em "Saúde do Passado - Visão do Futuro" poderão nos proporcionar momentos de reflexão sobre o comportamento da comunidade em relação ao seu passado-presente-futuro.

Na edição anterior falamos sobre o procedimento da pesquisa Sobre a Origem das Famílias: na primeira etapa (dados mais remotos) utilizamos os arquivos públicos como fonte. Na segunda etapa como os dados são mais recentes, ficam sob a responsabilidade da família em questão, inclusive se houver eventuais falhas ou se os critérios de apresentação forem indefinidos. Esclarecemos, por fim, que a publicação sobre genealogia está interrompida, temporariamente, embora o seu estudo prossiga no ritmo normal.

Fazendo História

"MANDALAS" - Exposição de Desenhos

De 14 a 23 de julho, a artista Patrícia Valle Sandin, expôs seus trabalhos - desenhos em nanquim e potes pintados - no Salão do Museu Dona Beja, numa promoção da Fundação Cultural Calmon Barreto.

"MENINO MALUQUINHO"

A Fundação Cultural Calmon Barreto trouxe a Araxá a peça de teatro "O Menino Maluquinho", com montagem de Araújo Produções e Grupo Téspis nos dias 24 e 25 de agosto. Nos dois dias foram apresentadas três sessões no palco do Colégio São Domingos, e as crianças das escolas locais formaram o grande público.

"OFÍCIO DE PAI"

Tendo como ponto de partida uma pesquisa histórica que apontou a importância do trabalho de alguns profissionais do passado, a Fundação Cultural Calmon Barreto apresentou no Museu Dona Beja a exposição "Ofício de Pai". Através dos seus ambientes e instrumentos de trabalho muitos foram lembrados durante a mostra, no período de 3 a 20 de agosto.

TOCATA

Em homenagem ao Maestro Elias Porfírio de Azevedo, no dia 18 de setembro, às 20 horas foi realizada a V tocata. Contou com a participação de artistas da cidade e da Banda Sinfônica de Uberlândia. Foi uma realização da Família Porfírio de Azevedo, Fundação Cultural Calmon Barreto e Prefeitura Municipal de Araxá. Um grande número de pessoas prestigiou esse evento.

PROJETO MOVIMENTO

No dia 29 de setembro, dentro do Projeto "Movimento", professores da Universidade Federal de Uberlândia ministraram aulas para os professores da Escola Municipal de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" da Fundação Cultural Calmon Barreto. Após as aulas houve uma apresentação de piano com a professora Araceli Chacon.

ANIVERSÁRIO DO MUSEU I

No dia 06/10, a Fundação Cultural Calmon Barreto promoveu a exposição comemorativa dos 30 anos do Museu Dona Beja. A mostra constou de quadros esquemáticos que contavam a história do sobrado e do museu e também da reprodução de diversos ambientes de uma morada do século XIX. Esses ambientes foram enriquecidos com o artesanato produzido nas oficinas da instituição.

ANIVERSÁRIO DO MUSEU II

Como parte das comemorações dos 30 anos do Museu a Fundação Cultural Calmon Barreto promoveu, no dia 21/10, a apresentação dos grupos de seresta: "Luar de Minas" de Belo Horizonte e "Música na Janela" da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo.

EXPOSIÇÃO CALMON BARRETO

A Prefeitura Municipal de Araxá, através da Fundação Cultural Calmon Barreto, está apresentando a nossa comunidade e os visitantes com uma mostra do premiado artista araxaense, Calmon Barreto.



Abertura solene da "Exposição Retrospectiva Póstuma de Calmon Barreto". Da esquerda para direita: Rosa Maria M. Lopes, Dra. Elba Barbosa Moreira, Cordélia Barreto, Dr. Jeová Moreira da Costa, Lygia Cardoso Mancira, Fernando Barreto e José Otávio Lemos.

Com o apoio decisivo da família Barreto, através dos irmãos Cordélia (proprietária do acervo) e Fernando (restaurador do acervo), foi possível reunir parte da extensa obra do artista composta por desenhos, esculturas, pinturas e trabalhos literários. A exposição individual pública de Calmon Barreto foi aberta em 17/10/95 à Av. Vereador João Sena, 93 e se estenderá até o dia 26/12/95.

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO DE ARAXÁ

Praça Arthur Bernardes, 10 - Fone: 662-1033
Ramais 2260, 2262 e 2263 - Fax: 662-1262 - CEP 38180000

PRESIDÊNCIA:

Lygia Cardoso Maneira

SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Marília Aparecida dos Reis

SUPERVISÃO DE ARQUIVOS

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

SUPERVISÃO DE PESQUISA

Rossina Spinoso Montandon

SUPERVISÃO DE MUSEUS

Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira

O TREM DA HISTÓRIA

EXPEDIENTE

PESQUISA E TEXTO

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Rossina Spinoso Montandon

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Elaine Denise Oliveira (DRT/DF 2089/80)

REVISÃO: Antônia Verçosa

LAY-OUT: Imagem Propaganda

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ

pro-mater
HOSPITAL

ATENDIMENTO DIA E NOITE

AV. IMBIARA, 387

FONE: (034) 661-2600 - FAX: (034) 661-2036

INSTITUTO DE PATOLOGIA
CLÍNICA CARLOS CHAGAS
LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Dr. Luís Augusto de Oliveira França
CRM MG 9065

R. Capitão José Porfírio, 251

Fone: (034) 661-2899

Agradecemos a colaboração de

Eustáquio de Lima

na publicação dessa edição de
"O Trem da História"

QUEM FOI QUEM

Os ex-combatentes de Araxá na 2ª Guerra Mundial

1995 é o ano das homenagens aos brasileiros que lutaram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial terminada há cinquenta anos atrás.

A história deve render glórias a esses homens, sempre. Foram eles homens comuns e, ao mesmo tempo, verdadeiros heróis. Eram jovens que, ao deixar o Brasil, sonharam construir uma vida melhor para as futuras gerações e acreditaram, com muito orgulho, que a missão a eles concedida iria definir o destino da humanidade. Era tempo de exaltação ao nacionalismo. O discurso proferido pelo presidente Getúlio Vargas aos soldados da FEB em 24 de maio de 1944 expressa essa ideologia:

"...fostes escolhidos para essa gloriosa tarefa, honra excepcional que a pátria vos confere" (1). A realidade vivida pelos pracinhas e oficiais foi bem menos poética e mais cruel.

O CONTEXTO INTERNACIONAL

Como tudo na história, a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) não aconteceu apenas por uma única causa e sim por vários fatores ocorridos anteriormente cujos efeitos se multiplicaram. Alemanha e Itália transformaram-se em estados totalitários, militaristas e expansionistas. Os interesses internacionais em jogo culminaram no conflito armado que se estendeu pela Europa, chegou à Ásia e à África e tornou-se mundial. Formaram-se 2 blocos: Alemanha, Itália, Japão e seus aliados (os países do Eixo) contra as grandes democracias ocidentais e a União Soviética (os Aliados).

Se esta foi a guerra de maior dimensão que o mundo já conheceu foi também, a primeira em que utilizaram a propaganda e a ação sobre a opinião pública (através do rádio) e a que levou a maior destruição humana e material. Em 1941, quando os Estados Unidos aderiram aos Aliados contra o Eixo transformando-se em suporte das democracias, o conflito adquiriu características de uma guerra industrial que culminou na bomba atômica.

A SITUAÇÃO DO BRASIL

No Brasil, o governo de Getúlio Vargas havia adotado uma política externa de neutralidade aproveitando-se da rivalidade entre as grandes potências. Acordos comerciais eram assinados, ora com a Alemanha, ora com os Estados Unidos.



Os combatentes de Araxá reunidos em uma fotografia 1945. Acervo: Paulo Guimarães

Em 1941, o presidente enviava telegrama de cumprimentos a Hitler pelo seu aniversário desejando felicidade ao chefe nazista e à Alemanha. Por outro lado, os Estados Unidos que haviam promovido as Conferências Pan-Americanas visando à organização da defesa, sob seu domínio, de toda a América, receberam a adesão do Brasil.

O governo brasileiro embora dividido, rompeu em 1942 as relações com o Eixo e assinou com os Estados Unidos um acordo militar. Mesmo assim, os norte-americanos não estavam seguros quanto à posição dos brasileiros.

Essa posição de neutralidade parece ter tido fim quando cinco navios mercantes brasileiros foram afundados no litoral nordestino pelos alemães. Nos campos de batalha da Europa, contava-se a versão de que os verdadeiros responsáveis pelo ataque teriam sido os norte-americanos, com o intuito de forçar o posicionamento do Brasil.

O Brasil entrou na guerra sob fortes manifestações populares. A oposição apontava para a contradição existente entre o apoio às democracias e a ditadura de Vargas. A xenofobia, uma característica do Estado Novo, fez perseguir ou deportar imigrantes europeus.

Em Minas Gerais, políticos e intelectuais assinaram o notável "Manifesto dos Mineiros" em repúdio à ditadura. A UNE (União Democrática dos Estudantes) também entrou na luta pela democracia.

A FEB

Os aliados invadiram a Itália em 1943. Para reforçar as tropas e integrar-se ao exército dos Estados Unidos, o Brasil criou a FEB (Força Expedicionária Brasileira).

Esta iniciativa não agradou aos ingleses e aos norte-americanos pois, acreditavam que a participação dos brasileiros, não seria assim tão imprescindível.

A análise do Marechal Mascarenhas de Moraes (comandante da FEB), dois anos após o término da guerra, indica que os temores em relação à participação das tropas brasileiras eram procedentes. Para ele o trabalho teria sido recompensado pela ordem e pela disciplina com que atuaram os expedicionários, mas exigia reflexões sobre a responsabilidade de mobilizar, preparar e concentrar uma tropa para a guerra.

Os pracinhas embarcaram rumo à Europa em junho de 1944. Cerca

de 25.000 homens foram convocados. A longa viagem marítima até a Itália causou-lhes sofrimento e desconforto provocados pela superlotação, pelo forte calor e pelos odores ruins dos navios. A falta de treinamento adequado e a tensão entre os soldados pioravam as condições dos ataques simulados no caminho.

A CHEGADA À ITÁLIA

A chegada aos portos italianos trouxe as primeiras e terríveis impressões da guerra: destruição, tristeza e miséria. Todos sofreram com o impacto das diversidades do clima, da alimentação (tipicamente americana) e do idioma. Seus uniformes não eram adequados ao inverno rigoroso. A farda verde-oliva (própria para um país de clima tropical) e os acessórios foram substituídos para que não morressem, mas de frio. Os norte-americanos deram-lhes boinas, galochas, fardas, ceroulas de lã, gorros, luvas, cachecóis, meias, capacetes, barracas e mosqueteiros. Os soldados se perguntavam: "será que o nosso Presidente ou o nosso Ministro da Guerra não conheciam o frio europeu?" Se pensarmos que o Brasil se envolveu nesse conflito por causa dos Estados Unidos é compreensível a atitude paternalista dos americanos em relação aos brasileiros.

A GUERRA

A guerra tem suas leis, porém isso os brasileiros só aprenderam na dura realidade do combate. Os norte-americanos deram-lhes armas e ensinaram-lhes como proceder: sempre rastejar, seja no barro, no mato ou na neve; jamais segurar em árvores minadas ou beber água em córregos envenenados pelos alemães. Combatentes perderam a vida com armas disparadas, obra do acaso e da fatalidade.

Muitos viram companheiros morrerem e não puderam socorrê-los. O socorro só aparecia ao cessar do fogo e com a chegada da Cruz Vermelha.

Na linha de frente (onde os soldados ficavam por 4 dias seguidos e depois descansavam 2 dias) a ração chegava em forma de latarias diversas (patês de fígado, de salsicha, frutas em calda), bolachinhas, cantil com água e comprimidos para dotá-los de energia e vigor durante aqueles dias. No dia de Ação de Graças, a alimentação dos soldados foi à base de peru, conforme a tradição norte-americana.

Pelos serviços prestados à Pátria, os pracinhas recebiam um pagamento que era dividido em 3 partes: a primeira repassada a eles, a segunda, a suas famílias e a terceira era depositada no Banco do Brasil.

As rádios e os jornais brasileiros transmitiam notícias da guerra aos familiares. Era uma época de racionamento de combustíveis, de aumento do custo de vida e época de oportunidades, para quem sabia aproveitá-las, de se realizarem bons negócios.

OS ARAXAENSES

Em Minas Gerais, enquanto o governo de Benedito Valadares investia imensos recursos financeiros na construção do Balneário e Grande Hotel do Barreiro, muitos soldados mineiros sofriam as agruras da guerra. Araxaenses entraram na luta, embora nem todos tenham partido do mesmo lugar. Foram eles:

- Francisco Matias de Oliveira (residente em Araxá)
- Geraldo Pereira da Silva (residente em Araxá)
- Gladstone Clemente Moreira (falecido)
- José Luciano Vieira (residente no Rio de Janeiro)
- José Martins (residente em Araxá)
- Paulo Guimarães (residente em Araxá)
- Tobias Vilela de Paiva (residente em Belo Horizonte)
- Vicente José Vieira (falecido)

Alguns não nasceram em Araxá mas aqui passaram a residir depois da guerra como Mauro Fonseca (falecido), José Gomes e José Soares da Silva.

ARAXÁ

Durante a guerra, a comunidade araxaense se mobilizou em torno da campanha "Araxá pela Vitória do Brasil" que pretendia arrecadar fundos. Com forte apelo nacionalista, circulava pela cidade o panfleto de divulgação dessa campanha assinado por Geraldo Porfírio Botelho, Dr. José Maria Santos e pelo 1º Tenente Paulo René de Andrade.

Agraciada com o título de madrinha dos combatentes de Araxá, D. Aracy Pedrelina de Lima, diretora do Grupo Escolar Delfim Moreira, colheu fotografias dos soldados com suas famílias, reuniu todos eles em uma montagem e a colocou em exposição nas vitrines do Bazar Fonseca. As pessoas passavam pela Rua Boa Vista e comentavam sobre o destino daqueles homens.



A hora da refeição no dia-a-dia da guerra. No grupo de oficiais, vê-se o araxaense Paulo Guimarães (sentado, 2º da esquerda para direita). Acervo: Paulo Guimarães.

O FIM DO COMBATE

Nos campos de luta, os soldados podiam pressentir o término da guerra nas vitórias conquistadas pelos aliados, na queda da disponibilidade de armamento e no recuo dos alemães. O dia 08 de maio de 1945 marcou o fim do conflito na Europa.

Os oficiais de vários países então se confraternizaram em volta de uma enorme mesa regada a bebidas e pratos especiais em meio a cantorias típicas de cada lugar. Os brasileiros optaram por uma música comum a todos eles: "Atirei o Pau no Gato". Foram ovacionados.

Um boletim que circulou pela Itália depois do cessar fogo expressava a opinião dos alemães quanto à performance dos brasileiros: "foi muito boa, não sabemos se por valentia ou por ignorância".

Enquanto japoneses e norte-americanos resistiam até o desfecho final provocado pela bomba atômica em agosto daquele ano, nossos heróicos pracinhas retornavam ao Brasil. De norte a sul do país eles foram saudados pelos seus feitos gloriosos e a partir daquele instante, acentuaram-se as pressões pela democratização do país.

O RETORNO

Em Araxá, os ex-combatentes também foram proclamados heróis da Pátria. Foram recepcionados pelo então prefeito Álvaro Cardoso, por integrantes do Lions Club, por alunos do Grupo Escolar Delfim Moreira, pela população em geral.

Ferido pela guerra Francisco Matias de Oliveira havia retornado mais cedo da Europa, após ter sido submetido a uma cirurgia por médicos norte-americanos e brasileiros. Chegou a Araxá no dia 14 de julho de 1945 e, por isso, uma de nossas ruas foi denominada com esta data.

Mas se a vida aqui, consequência do pós-guerra, já era diferente a dos ex-combatentes seria ainda mais. O Grande Hotel e as Termas haviam sido inaugurados e viviam seus momentos de luxo e riqueza com o cassino e a boate promovendo shows internacionais.

Os italianos aqui residentes sofriam discriminações e os nossos heróis precisavam ser reenquadrados na sociedade civil.

Aos oficiais foi oferecida a oportunidade de seguir a carreira militar, mas entre os soldados há os que permaneceram nos hospitais e os que partiram para a conquista da sua sobrevivência. Nos anos 50, o governo concedeu-lhes, através de leis, o direito de ocupar funções em órgãos públicos, o da gratuidade em transporte coletivo e casas de diversão e o direito de usufruírem da reforma ou pensão. Em Araxá, a administração de Hely França isentou os ex-combatentes do pagamento do IPTU.

Em 1960, as cinzas dos soldados foram trasladadas para o Monumento aos Mortos na 2ª Guerra Mundial, especialmente construído para esse fim.

Em busca dos seus direitos, os nossos heróis uniram-se na Associação dos Veteranos da FEB e somente nos anos 70, eles garantiram o recebimento dos seus benefícios financeiros. Dos campos de luta da Itália, restaram-lhes as lembranças que os fazem sorrir ou os fazem entristecer. Joel Silveira, na época jornalista-correspondente de O Globo, enviado à Europa, disse sobre sua experiência de guerra: "... o que ela nos tira (quando não nos tira a vida), nunca mais nos devolve". (2)

Fonte:

- Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto
- Arquivo da Câmara Municipal de Araxá
- Depoimentos: Tenente Paulo Guimarães
- Sargento Francisco Matias de Oliveira

(1)

- Artigo do Jornal O Globo intitulado: Fala o Presidente Vargas às Forças Armadas, in: O Globo Expedicionário, Agência Globo, 1985, pág. 83.
- BURNS, Edward Mc Nall. *História da Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1981.
- FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*, 2ª edição. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.
- MASCARENHAS DE MORAES, Marechal J. B. *A FEB Pelo seu Comandante*. Instituto Progresso Editorial, São Paulo, 1947.
- MORAIS, Fernando. *Chatô - O Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- RÉMOND, René. *O Século XX de 1914 aos nossos dias*. São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

(2)

- SILVEIRA, Joel. "O Pracinha Desarmado", in: O Globo Expedicionário, Agência Globo, 1985, pág. 14.

MUSEU MUNICIPAL DONA BEJA

Onde mora a história

O PRÉDIO

DE ARRAIAL A PARÓQUIA

Já mencionamos em outra ocasião que Araxá constituiu um exemplo clássico de assentamento humano nascido em torno de uma capela, inserindo-se desta forma dentro do modelo urbano padrão no Brasil.

Seguindo este modelo, é certo que à ereção da 1ª capela sob o orago de São Domingos e devidamente montada de seu patrimônio, como o exigia a lei eclesiástica, seguiu-se a ocupação dos terrenos adjacentes, situados evidentemente além do adro e do cemitério.

De acordo com Murillo Marx, em seu "Cidade no Brasil Terra de quem?" a criação do patrimônio de uma capela não definia apenas o terreno da capela primitiva, de seu adro e da área em volta, mas ia desenhando também as parcelas que, ocupadas paulatinamente, propiciavam o aparecimento e a aglomeração de moradias e casas de negócios. Foi, sem dúvida, assim que se formou o arraial de São Domingos do Araxá que em 1791 foi elevado à Freguesia ou Paróquia. A elevação de uma capela e seu respectivo aglomerado humano, à freguesia ou paróquia significava o seu reconhecimento por parte das autoridades eclesiásticas e conseqüentemente civis, conferindo-lhe assim uma existência legal. Dessa forma, oficialmente, Araxá passou a existir a partir desta data.

Uma das primeiras conseqüências da elevação à freguesia era a reforma, ampliação ou até reconstrução da



Inauguração do Museu Dona Beja. Na foto Magaly Cunha, o jornalista Assis Chateaubriand (sentado) e outros convidados. 1965. Revista O Cruzeiro.

primitiva capela, transformada agora em sede paroquial, assim como a construção das residências dos notáveis ou das pessoas de maior destaque econômico-social da freguesia em torno do grande espaço aberto frente ao templo, delimitando aos poucos a praça.

O SOBRADO

É bem possível, que o sobrado que hoje abriga o Museu Municipal Dona Beja, seja um daqueles dois únicos sobrados que o naturalista francês August de Saint-Hilaire mencionou existir defronte à praça quando passou por Araxá em 1819.

Se por um lado se ignora a data exata de sua construção, não há dúvidas de que na década de 1830 já existia, sendo

propriedade do Cap. Antônio José de Araújo. Este, foi um primeiros criadores a requerer terras no Sertão dos Araxás, tendo adquirido em 1796 a sesmaria do Córrego do Ouro que mediu e demarcou em 1799. Envolvendo-se, anos mais tarde, em diversas disputas fundiárias.

O certo é que quando, em 1834, Anna Jacintha de São José adquiriu umas casas nos fundos da sua propriedade e de frente para a atual Rua Cônego Cassiano, solicitou da Câmara Municipal um alinhador que estabelecesse o alinhamento correto dos imóveis adquiridos.

No relatório apresentado semanas depois pelo alinhador, mencionava o muro do sobrado de Antônio José de Araújo como vizinho das casas citadas e como referência para se traçar o alinhamento solicitado, sendo esta a primeira referência que encontramos do sobrado da esquina.

Em 1861 após a morte de Antônio José de Araújo e de sua mulher Herculana Cândida de São José, suas filhas Antônio Cândida e Herculana Cândida de São José venderam o sobrado para Marcelino Manoel Teixeira pelo preço de 3 contos como consta na escritura pública lavrada no livro 10 fls. 84v do Cartório de 1º Ofício de Notas.

A CONTROVÉRSIA

Acreditamos que o nome São José que ostentavam três das antigas proprietárias do casarão da esquina possa ser um dos motivos para a confusão que mais tarde se estabeleceu em torno da real localização da residência de Anna Jacintha de São José (Dona Beja), aliando-se a isso o fato de as

Casa Nova

LIDERANÇA EM TECIDOS FINOS

Praça Heli França, 592
Fone: (034) 661-2455

A família

MAURÍCIO FARAH

deseja aos leitores de
"O Trem da História"
feliz natal e
próspero ano novo.



RIO BRANCO DERIVADOS
DE PETRÓLEO LTDA.

. Óleo Diesel a granel
. Lubrificantes
. Filtros
. Graxas

RIO BRANCO

AV. SENADOR MONTANDON, 868
FONE: (034) 661-5380

propriedades dessa última se estenderem até os fundos do sobrado da esquina.

Por outro lado em uma escritura, lavrada em 1864, através da qual Anna Jacintha de São José vendeu seu sobrado "no largo da matriz" a Ignácio Affonso de Almeida se mencionam como vizinhos de lado esquerdo "... as casas que foram de Pedro Amado de São Paulo ..." e como vizinhos "DE LADO DIREITO" a "Joaquim da Costa Pereira e outros" deixando claro então que a casa de Anna Jacintha não era de esquina. (1)

A vizinhança que ambos os sobrados tinham com a casa dos Costa Pereira ajuda a estabelecer a localização daqueles. Enquanto o sobrado de Anna Jacintha limitava-se com os Costa Pereira pelo lado direito, o sobrado comprado por Marcelino Manoel Teixeira limitava com eles pelo lado esquerdo não tendo à sua direita nenhum vizinho a não ser o mencionado beco.

OS PROPRIETÁRIOS

Após a morte de Marcelino Manoel Teixeira em 1880, o sobrado entrou na divisão dos bens avaliado em 3 contos e 800 mil réis (3\$800.000) cabendo a cada um dos 8 filhos uma parte de 436.500 réis. Um dos herdeiros, Antônio Affonso Teixeira (Antônio do Marcelino) comprou dos irmãos a parte que coube a cada um ficando como único proprietário. (2)

Em 1894, no inventário realizado após o falecimento de Antônio Affonso Teixeira, o sobrado foi avaliado em 1 conto e 500 mil réis (1\$500.000), ou seja, menos da metade do valor que tinha 14 anos antes. (3)

Diferentes fatores podem ter contribuído para sua desvalorização entre eles a deterioração que já deveria apresentar após mais de 60 anos de construído, a acentuada crise econômica que Araxá sofria no final do século passado, além da mudança para a Rua da Direita de bom número de estabelecimentos comerciais da cidade, razão pela qual esta rua passou a ser chamada "Rua do Comércio" (atual Rua Franklin de Castro).

Este último fator pode ter sido decisivo se, como pensamos, o prédio combinou quase desde a sua construção as funções residenciais e comerciais; mas não impediu que outros estabelecimentos comerciais ali se estabelecessem nos anos seguintes.



Restauração do prédio onde abrigaria o Museu. 1965 - Doação de José Deusdeti de Resende. Arquivo SPH/FCCB.

Dos 10 filhos e herdeiros de Antônio Affonso Teixeira, 8 receberam parcelas de 136.366 réis cada um, Rita de Paula Carneiro recebeu uma parte ligeiramente maior de 136.989 e a última parcela que caberia a Olintho, já falecido, foi dividida entre seus filhos Pedro e Olintho cabendo a cada um 68.182 réis. (4)

SÉCULO XX

No começo do século XX (1905) o sobrado passou à propriedade de um só dos herdeiros, Astolpho Rodrigues Valle, casado com Luisa de Paula Carneiro e genro, portanto, de Antônio Affonso Teixeira.

Esta foi a primeira de uma série de aquisições imobiliárias que Astolpho Rodrigues realizou, incorporando praticamente todo o quarteirão a seu patrimônio.

Em frente a praça adquiriu em 1910 de D. Placidina Maria de Jesus a residência que anteriormente pertencera aos Costa Pereira e onde nos anos 60 foi construído o Hospital Regional D. Bosco. (5).



Restauração do prédio onde abrigaria o Museu. 1965 - Doação de José Deusdeti de Resende. Arquivo SPH/FCCB.

Em 1924 comprou de Ernesto Rosa e sua mulher Letícia Scarpellini Rosa o sobrado anteriormente denominado "da Beja" (6) e onde funciona, atualmente, a Pensão Tormin. (Livro 18 fls. 138 Cartório de 1º Ofício de Notas). Em 1960, após o falecimento de Astolpho Rodrigues Valle, sua esposa D. Luísa fez doação do sobrado para um dos seus filhos, Adhemar Rodrigues Valle (7).

É interessante notar que, na escritura de doação que D. Luísa Valle fez a seu filho, o prédio da esquina já era identificado como "Sobrado D. Bêja", de onde se conclui que na década de 60 a confusão sobre a verdadeira residência dessa personagem já estava estabelecida ao ponto de ser registrado em documento.

Adhemar Rodrigues Valle vendeu o sobrado em 1962 para José Verçosa (8) de que, finalmente, a 14 de outubro de 1965, a Empresa Jornalística Sociedade Anônima Estado de Minas Gerais o adquiriu para abrigar o Museu Regional Dona Beja. (9) A partir de 1986, através de uma lei municipal, o município de Araxá assumiu a responsabilidade pela entidade que passou então a se denominar "Museu Municipal Dona Beja".

O MUSEU

O FUNDADOR

O Museu Municipal Dona Beja foi criado durante o "surto" que acometeu Assis Chateaubriand e que o levou a fundar e multiplicar museus pelos diferentes cantos do país. Isso aconteceu após a inauguração do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Esta foi mais uma das numerosas iniciativas de caráter pessoal e unilateral que o jornalista empreendeu ao longo de sua vida e da qual pouco participaram as autoridades e a comunidade de Araxá. Acreditamos que isso explica a escassa lembrança que guardam os poucos araxaenses que, sabidamente, participaram do empreendimento mesmo que de forma indireta.

O contato de Chateaubriand com Araxá foi conseqüência do duplo derrame que sofreu em 1960 e do qual sobreviveu, porém, tetraplégico e incapacitado para comunicar-se oralmente.

O longo caminho que percorreu atrás de possíveis tratamentos que reverterem estas seqüelas o conduziu às águas termais do Grande Hotel do Barreiro, em Araxá, onde passou longa temporada em 1964. Foi nessa ocasião que se decidiu pela criação de um museu para a cidade. O casarão escolhido para abrigar o museu foi adquirido pela Empresa Jornalística Sociedade Anônima Estado de Minas Gerais, braço dos Diários Associados no Estado, em 14 de outubro de 1965.

O NOME

Segundo depoimento do Sr. Domingos Santos (prefeito municipal de Araxá na época) a verba para a compra foi fornecida pelo Banco do Brasil, então, sob a direção do Sr. Sebastião Paes de Almeida. O jornalista o intimou a colaborar por ele ter nascido em Estrêla do Sul, cidade onde Dona Beja (que daria o nome ao museu), tinha vivido seus últimos anos, e também morrido. No discurso de inauguração, no entanto, o fundador do museu fez questão de frisar a colaboração financeira dos senhores Horácio Lafer, Max Lowenstein e da Sociedade Pedro II.

O sobrado foi restaurado pela Hidrominas sob a supervisão do Eng. Pedro Carlos Copati e com mão-de-obra de operários araxacenses. A decoração esteve a cargo do jornalista Britaldo Vieira Soares com a colaboração, entre outros, de Terezinha Abreu Tomasowich.

A escolha do nome foi inspirada na figura principal do mito que por essa época já começava a se delinear e a ganhar força em Araxá e região.

Para caracterizar legalmente a iniciativa, foi criada a Associação Artística e Cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, razão social do Museu Regional Dona Beja. Desconhecemos entretanto, a documentação relativa a essa associação e, até mesmo, os nomes dos membros da sua diretoria.

A INAUGURAÇÃO

O Museu Regional Dona Beja foi inaugurado em 4 de setembro de 1965.

De acordo com a revista "O Cruzeiro" e o jornal "Estado de Minas" que cobriram o evento e, na época, integravam os Diários Associados, ainda sob o comando de Chateaubriand, o novo museu teve como primeira presidenta D. Yolanda Penteadó, da sociedade carioca e amiga pessoal de seu mentor intelectual e como presidenta de honra a araxaense D. Silvéria de Aguiar.

A heroína que emprestou o nome ao museu foi caracterizada por Magaly Cunha.

Na ocasião discursaram o embaixador da União Soviética Andrei Formim, paraninfo da nova instituição que se dirigiu aos presentes em russo por não falar português, o governador Magalhães Pinto, a presidenta Yolanda Penteadó, o deputado Lourival Brasil pela Assembléia Legislativa do Estado, o prefeito Domingos Santos, Terezinha Corrêa Soares em nome de Silvéria de Aguiar e, encerrando a soleni-

dade, Paulo Cabral, jornalista e diretor dos "Associados" de Minas Gerais em nome de Chateaubriand. Todos, evidentemente, elogiaram e agradeceram a iniciativa frisando a importância que tinha não só para a Cultura como para a própria História a criação desse museu de arte regional que

inaugurou a série de instituições similares que mais tarde foram criadas sob os auspícios de Chateaubriand no Brasil.

Após a morte de Chateaubriand, a Empresa Jornalística e a Prefeitura Municipal, assinaram um convênio (em 1973) mediante o qual, a primeira, dona do imóvel onde funcionava o museu, cedia-o pelo prazo de 5 anos, e a segunda se comprometia a instalar no mesmo local a Divisão de Turismo e se responsabilizava pela manutenção e preservação do prédio e do acervo. Caberia, ainda, à Prefeitura mantê-lo aberto à visitação pública.

A REFORMULAÇÃO

A lei nº 2.041 de 1986 municipalizou o museu que passou a fazer parte do patrimônio de Araxá com o nome de Museu Municipal Dona Beja. No período entre 1985-1987 o prédio passou por uma restauração com a assistência de técnicos do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) com recursos fornecidos pela comunidade e pela Prefeitura.

Na ocasião ficou evidente a indefinição temática do museu o que tornou urgente a criação de um projeto museológico que levasse em consideração a realidade de Araxá.

Tendo em vista a inexistência de acervo pertencente à personagem que emprestava seu nome ao museu, os técnicos da Superintendência de Museus de Minas Gerais, baseados em pesquisas realizadas pelo então Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon



Restauração do prédio do Museu Dona Beja. 1985. Arquivo SPH/FCCB

Barreto, optaram por fazer dele o Museu da História de Araxá, em cujo contexto evidentemente se inclui a figura de Anna Jacintha de São José, Dona Beja.

Em 28 de dezembro de 1990, através da lei 2.410 o prédio e o acervo do museu foram finalmente tombados ficando legalmente garantida a preservação de um dos mais expressivos veículos de divulgação de nossa História.

Atualmente o Museu Municipal Dona Beja está vinculado administrativamente ao Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto.

Fonte:

- (1) Livro 1 - fls. 48 - Cartório de 2º Ofício de Notas
- (2) Livro 18 - fls. 138v - Cartório de 1º Ofício de Notas
- (3) Caixa 189 - Arquivo Judiciário da Secretaria de Justiça da 1ª Vara
- (4) Idem
- (5) Livro 47 - fls. 38 - Cartório de 1º Ofício de Notas
- (6) Livro 77 - fls. 53 - Cartório de 1º Ofício de Notas
- (7) Livro 36 - fls. 36 - Cartório de 3º Ofício de Notas
- (8) Registro nº 21.953 - fls. 158 - Livro 3 - "R" - Cartório de Registro de Imóveis
- (9) Registro nº 25.396 - fls. 226 - Livro 3 - "S" - Cartório de Registro de Imóveis

"O Trem da História" agradece a todos os patrocinadores que têm viabilizado as suas edições, desde 1991, desejando-lhes Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

ANO	PROPRIETÁRIO	REFERÊNCIA	FUNÇÃO
1834	Cap. Antônio José de Araújo	A resposta do alinhador ao pedido de alinhamento feito por Anna Jacintha de São José à Câmara Municipal de Araxá menciona pela primeira vez o sobrado.	Residencial / Comercial
Período indefinido anterior a 1861	Herculana Cândida e Cândida Antônia de São José.	Desconhece-se a data do falecimento dos proprietários porém, na escritura de compra e venda, menciona-se que as vendedoras tinham recebido o sobrado como herança deixada pelos pais.	
1861	Marcelino Manoel Teixeira	Compra o sobrado das filhas e herdeiras do primeiro proprietário pelo preço de 3 contos de réis.	
1880	Herdeiros de Marcelino Manoel Teixeira	Após a morte do proprietário o sobrado foi avaliado em 3\$800.000 réis e deixado como herança a seus oito filhos.	
1888	Antônio Affonso Teixeira (Antônio do Marcelino)	Um dos filhos herdeiros compra a parte dos demais tornando-se único proprietário.	
1894	Herdeiros de Antônio Affonso Teixeira	Os mais de 60 anos de construído, a crise econômica que Araxá sofria no final do século XIX e a transferência do centro comercial para a Rua do Comércio desvalorizaram o prédio que, no inventário de seu proprietário, é avaliado apenas em 1\$500.000 réis e dividido em 10 partes, uma para cada um dos filhos.	<ul style="list-style-type: none"> * Santos & Irmãos * Pensão de Siá Boa * Pensão de Chico Porfúrio * Armazém de Saint Claire * Pensão de José Cândido de Oliveira * Armazém do Alírio Teixeira * Cartório de Clóvis Cardoso
1904	Astolpho Rodrigues Valle	O genro, casado com Luisa de Paula Carneiro, (um dos herdeiros) adquire as partes dos demais, tornando-se único proprietário.	
1936	Luisa Rodrigues Valle (ex-Luiza de Paula Carneiro)	Com o falecimento de Astolpho, sua viúva torna-se proprietária do sobrado.	
1960	Adhemar Rodrigues Valle	Um dos filhos de Astolpho e Luiza recebe em doação o sobrado que na escritura já é identificado como "Sobrado de Dona Beja".	
1962	José Verçosa	Adhemar Rodrigues Valle vende o sobrado.	
1965	Sociedade Anônima Estado de Minas Gerais	<ul style="list-style-type: none"> * A Empresa Jornalística compra o sobrado de José Verçosa para instalar no local o Museu Regional Dona Beja. * Fundação do Museu com acervo inicial constituído por peças de mobília e obras de arte doadas pelo seu idealizador Assis Chateaubriand. 1973 - Convênio entre a Empresa Jornalística e a Prefeitura de Araxá mediante o qual a primeira cede por 5 anos o prédio para o funcionamento do Museu e em troca a segunda se compromete a instalar no local a Divisão de Turismo e Cultura, responsabilizando-se também pela manutenção e preservação do acervo. 1984 - A Fundação Cultural Calmon Barreto é criada e inicia suas atividades neste endereço. * Começam os trabalhos de restauração do prédio com a assistência técnica do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPIHA) e com recursos financeiros da comunidade. * Reformulação do projeto museológico baseada em pesquisas do Centro de Preservação do Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto. 	Museu Dona Beja
1986	Prefeitura Municipal de Araxá	<p>Municipalização do Museu pela lei nº 2.041 que o incorpora ao patrimônio de Araxá passando a se denominar Museu Municipal Dona Beja.</p> <p>1987 - Conclusão das obras de restauração.</p> <p>1990 - Tombamento do prédio e do Museu através da lei municipal nº 2.410.</p> <p>O Museu fica vinculado administrativamente à Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá.</p>	

Saudade do Passado Visão do Futuro

Preservar os bens culturais que apresentam valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também valor afetivo é dever do poder público em uma comunidade. Podem e devem ser preservados bens móveis e imóveis, isto é, fotografias, livros, mobiliário, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, bairros, etc. Costumes e manifestações culturais, se praticados repetidas vezes, tornam-se tradição e também devem ser resguardados. Mas... a defesa dos bens culturais deve vir, antes de tudo, dos cidadãos desta comunidade que, se conscientes do seu papel social, poderão exercer seus direitos de interferir nos destinos da cidade. Cabe à população, portanto, participar do processo de valorização do seu patrimônio cultural de maneira crítica e consciente.

A seguir, algumas imagens pertencentes aos nossos arquivos que poderão levar-nos de uma simples tendência a superestimar o passado a uma visão do futuro.



O "Bloco Bico de Pena" passeando pelas ruas de Araxá no Carnaval de 1930. A caracterização do bloco era uma sátira dos jovens da época, às eleições presidenciais ocorridas naquele ano, quando o voto a descoberto (escrito com pena de bico muito fina, sob as vistas do coronelismo) contribuiu para a existência de grande fraude eleitoral. Os acontecimentos que se seguiram culminaram na Revolução de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder. 04/03/1930. Fotografia doada por Manoel Lopes da Silva. (Arquivo SPH/FCCB)



Todas as vezes que escalava mais um degrau na carreira religiosa, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva visitava sua terra natal. Aqui vêem-se os alunos do Colégio Dom Bosco em formação na Av. Antônio Carlos para recepcionarem o araxaense designado Bispo em São Paulo. A igreja matriz (ainda em construção) pode ser vista ao fundo, bem como o antigo jardim e as construções características da época. 1935. Fotografia doada pela Família Affonseca e Silva. (Arquivo DJG-SPH/FCCB).



Banheira ou Banheiro Público localizado no Alto de Santa Rita, região antiga da cidade e um dos caminhos por onde passaram nossos primeiros habitantes, no final do século XVIII, em busca das águas salitradas do Barreiro. Durante a administração do ex-prefeito Fausto Alvim (1930-1940), aproveitando uma ducha natural, foi construído um banheiro com um espaço destinado à prática de esportes (campo de futebol e equipamentos de ginástica). Atualmente esse local está sendo recuperado pela administração Dr. Jeová Moreira da Costa, na tentativa de preservar suas características arquitetônicas e sua função original. Estão sendo executados os serviços de melhoria das construções sanitárias bem como a construção de uma quadra de peteca. Fotografia de Octávio Fonseca datada de 1939, doada pela Prefeitura Municipal de Araxá. (Arquivo SPH/FCCB)



Trabalho de pavimentação realizado na Rua Almeida Campos, esquina com Rua Pres. Olegário Maciel, durante a administração do ex-prefeito Álvaro Cardoso (1940-1945). Nesse local, podem ser vistas todas as antigas construções que hoje já não existem mais. Fotografia de Parateca doada pela Prefeitura Municipal de Araxá em 1985. (Arquivos SPH/FCCB)

GUABIT
JÓIAS E RELÓGIOS
MODAS E ACESSÓRIOS
 RUA CALIMÉRIO GUIMARÃES, 205
 FONE: (034) 661-2523

Agradecemos a colaboração do
• cirurgião-dentista •
MURILO FONSECA
 na publicação dessa edição de
 " O Trem da História "

CONSTREC
 IMOBILIÁRIA LTDA.
 A GARANTIA DE BONS NEGÓCIOS
 R. Pde. Antônio Marcigaglia, 164
 Fone: (034) 662-1800

Você Conhece?



Fotografia doada pelo casal Ismar (Aparecida) Afonso. Não apresenta data, fotógrafo e nomes que possam facilitar a sua identificação. Você os conhece?



Fotografia tipo cartão postal. Foi doada por Márcia A. Ribeiro Borges. Não possui nenhum dado para sua identificação. Você seria capaz de reconhecê-los?

Identificando ...

- Na coluna "Você Conhece?" do Trem da História nº 12 a foto do meio refere-se ao Primeiro Matadouro de Patos, inaugurado em janeiro de 1908.
Fonte: FONSECA, Geraldo. *Domínios de pecuários e enxadachins*. Belo Horizonte - MG, Ingabras, 1974.
Esta identificação só foi possível graças à colaboração do pesquisador Hélio Hilton Rezende da cidade de Carmo do Paranaíba.
- Nesta mesma coluna, o rapaz da fotografia é Enéas Santos. Por um lapso nosso, publicamos a foto doada e identificada por sua prima Inês Santos como se não o fosse.
- No Trem da História nº 14 o casal do meio foi identificado como sendo Ananias Teixeira e Maria do Carmo Etelvina Cardoso. Informações prestadas por Arquidâmia França Cabral (Damica).

Registro de Doações

Queremos registrar e agradecer a doação do Prof. Múcio Porfírio Ferreira de vários livros que faziam parte de sua vasta biblioteca. Trata-se de livros de alto nível sobre os mais variados assuntos como: Literatura Brasileira e Estrangeira, História do Brasil, Artes, Sociologia, Antropologia e Filosofia. Foram também incorporados ao nosso acervo:

- Fotografia de Victorine Cousin (professora em Araxá no séc. XIX), doada pela neta Maria Cândida de Almeida (Mariazinha).

Data: junho/1995.

- Documento datado de 05/08/1871 de permuta de terras que fizeram entre si Antonio da Cunha e Oliveira e sua mulher e Marcelino Manoel Teixeira e sua mulher.

Doação: Alberto Adhemar do Valle.
Data: julho/1995.

- Roda de fiar
- Doação: Zilda Vieira de Rezende
Data: junho/1995.

- Livros sobre a história do Brasil, de Minas Gerais e de Araxá.

- Vários mapas do município de Araxá.

Doação: Prof. Ernesto Rosa Neto
Data: julho/1995.



CASA DO MÉDICO

BRAMEL - Brasil Médica Ltda. - ME
De Paulo Mellasippo

CADEIRAS DE RODAS - MEIAS PARA VARIZES
FUNDAS PARA HÉRNIAS MATERIAL MÉDICO - CIRÚRGIO
HOSPITALAR E DE LABORATÓRIO EM GERAL

AV. AFONSO PENNA, 981 - LOJA 01 - GALERIA DO
EDIFÍCIO SULACAP - CENTRO - FONE: (031) 224-4407
CEP 30130 002 - BELO HORIZONTE - MG



Cooperativa
Agropecuária de
Araxá Ltda.



A CAPAL É CAPAZ!

MATRIZ: R. Maria Rita de Aguiar, 172 - Fone/Fax: (034) 662-1122 - Araxá
FILIAL 1: ARMAZENS - Av. Amazonas, 3005 - Fone/Fax: (034) 662-1122 - Araxá
FILIAL 2: POSTO DE REFRIGERAÇÃO E BENEFICIAMENTO - Rodovia BR 622
KM 693 - Fone: (034) 661-3365 - Araxá

Brindar o Natal com
água tratada é beber saúde
o ano inteiro.
Boas Festas.

COPASA MG

PAPELARIA
ARAXÁ

R. PRES. OLEGÁRIO MACIEL, 295
FONE: 661-2007

JACY
CONTABILIDADE

Jacy A. Furtado
CRC - MG 29940

R. Pres. Olegário Maciel, 569
Fone: 662-4711



ANTÁRTICA



DISTRIBUIDORA DE CERVEJAS ARAXÁ LTDA.
Av. Amazonas, 2500
Fone: 661-3193

DESPACHANTE PAULO CÉSAR

- Documentação para financiamentos habitacionais
- Preparação de escritura de imóveis
- Emplacamento de veículos
- Licenciamento
- Transferência

RUA CAPITÃO IZIDRO, 231 - TELEFAX (034) 662-3889

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ

Apoiando a preservação dos nossos bens culturais.